

BIANCA MARIA BOMFIM DE OLIVEIRA

**O IMPACTO DA CONSTATAÇÃO DO ABUSO SEXUAL NA RELAÇÃO DA
CRIANÇA COM O CORPO: Uma perspectiva psicanalítica**

BIANCA MARIA BOMFIM DE OLIVEIRA

**O IMPACTO DA CONSTATAÇÃO DO ABUSO SEXUAL NA RELAÇÃO DA
CRIANÇA COM O CORPO: Uma perspectiva psicanalítica**

Artigo apresentado como requisito para a avaliação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, no curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ilhéus (CESUPI).

Orientador/a: Me. Maria da Conceição Almeida Vita

ILHÉUS-BAHIA

2026



FACULDADE DE ILHÉUS

CESUPI

CURSO DE PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: O impacto da constatação do abuso sexual na rubrica da criança com o corpo: uma perspectiva psicanalítica

Discente: Bianca Maria Bonfina de Oliveira

Data da aprovação: 11/06/2026

BANCA EXAMINADORA

Marie da Conceição Almeida Vito

(Orientador)

Kampos

(Examinador I)

Renato R.

(Examinador II)

O IMPACTO DA CONSTATAÇÃO DO ABUSO SEXUAL NA RELAÇÃO DA CRIANÇA COM O CORPO: Uma perspectiva psicanalítica

Bianca Maria Bomfim de Oliveira^{1*}

Maria da Conceição Almeida Vita^{2**}

RESUMO

O abuso sexual infantil não se configura apenas como um problema social, mas também de saúde pública, sendo compreendido, à luz da psicanálise, como uma experiência traumática que envolve mecanismos capazes de intensificar o sofrimento psíquico. Tal vivência produz graves repercussões no processo de constituição do Eu, impactando diretamente a subjetividade do sujeito e remetendo a um conceito central no campo psicanalítico: o trauma. As discussões desenvolvidas fundamentam-se nos estudos de Sigmund Freud e de outros importantes autores da psicanálise, com enfoque em suas concepções acerca dos mecanismos de defesa, do trauma e da constituição da sexualidade no sujeito. A literatura demonstra que o abuso sexual infantil pode produzir consequências duradouras, uma vez que a formação de sintomas e o desenvolvimento da sexualidade podem favorecer uma estruturação perversa. O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, por meio de revisão de literatura, e teve como objetivo analisar, sob a ótica da psicanálise, de que maneira o reconhecimento do abuso sexual pela criança interfere em sua relação com o próprio corpo, considerando os impactos psíquicos e simbólicos decorrentes dessa experiência. Como objetivos específicos, buscou-se: descrever o percurso da constituição do Eu e da imagem corporal da criança; identificar os possíveis efeitos psíquicos do abuso sexual infantil sobre a constituição do Eu e da imagem corporal; e, por fim, compreender as possibilidades de elaboração psíquica da experiência traumática do abuso sexual pela criança.

Palavras-chave: Abuso Sexual Infantil. Trauma. Relação da criança com o corpo. Psicanálise.

^{1*} Informações breves do/a discente autor/a do trabalho, como curso de graduação, outras possíveis formações no ensino superior e e-mail.

^{2**} Informações breves do/a docente orientador/a coautor/a do trabalho, como a sua área de atuação, componente curricular que leciona e e-mail.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, apenas na década de 80 começou a surgir uma preocupação sobre cuidados com violência contra crianças, porém somente em 1990, com a efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente, pesquisas para a temática da violência começaram a ser realizadas, principalmente referentes ao abuso sexual (SOUSA *et al.*, 2021). O abuso sexual é classificado como crime quando a sexualidade de uma criança ou adolescente é utilizada para a prática de qualquer ato de natureza sexual (GOVERNO FEDERAL, 2020).

Ao reconhecer o abuso, a criança pode vivenciar sentimentos de vergonha, culpa, medo ou até mesmo estranhamento em relação à sua corporeidade, o que compromete a construção de sua identidade e a percepção de si mesma. Diante disso surge o questionamento: De que maneira o reconhecimento por parte da criança abusada sexualmente interfere na relação da mesma com seu corpo?

O abuso sexual pode ocorrer mediante contato físico (por meio de toques, carícias, sexo oral, masturbação ou relações com penetração) ou sem contato físico (o que engloba ligações telefônicas com teor sexual, *voyeurismo*, imagens pornográficas, assédio sexual e exibicionismo) (MENEZES; FARO, 2023). São inúmeros os prejuízos causados pelo abuso sexual infantil, de maneira que as complicações atingem o âmbito físico, psicológico, social e sexual. O trauma gerado não está marcado apenas no consciente e inconsciente da criança, mas também no corpo, pronto para se manifestar quando surgir qualquer coisa que desencadeie a dor da vivência do trauma (RIBEIRO e GONÇALVES, 2023).

Com base no exposto, o objetivo dessa pesquisa é analisar sob a ótica da psicanálise de que maneira o reconhecimento do abuso sexual por parte da criança interfere na relação desta com o próprio corpo considerando os impactos psíquicos e simbólicos. Assim explorar a temática, descrevendo o percurso da constituição do eu e da imagem corporal da criança; traçar os possíveis efeitos psíquicos do abuso sexual na infância com foco na constituição do eu e da imagem corporal, e por fim, identificar as possibilidades de elaboração pela criança da experiência do abuso sexual.

Foram utilizados autores da psicanálise que abordam a temática, propondo uma análise das teorias de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Além disso, debruçou-se sobre a obra de Sándor Ferenczi, tendo em vista que sua ênfase nas relações interpessoais favorece uma compreensão mais aprofundada das necessidades do

sujeito inserido em relações abusivas, bem como do trauma sob uma perspectiva psicanalítica sensível ao abuso sexual. Para tanto, utilizar-se-á uma abordagem qualitativa, adotando-se como procedimento metodológico a revisão bibliográfica.

2 CONSTITUIÇÃO DO EU E DA IMAGEM CORPORAL DA CRIANÇA

Inicialmente importa destacar que, à luz da teoria psicanalítica, o bebê não é capaz de discernir os limites entre seu próprio corpo e o da sua mãe. Isso ocorre em virtude da fantasia de onipotência, por meio da qual o bebê acredita que pode satisfazer suas próprias necessidades, e o corpo da mãe é sentido como uma extensão do seu corpo (MAURANO, 2025). Alaugnier (1990) afirma que, ao nascer, a criança não diferencia o que faz parte dela e o que não faz, e, para que isso aconteça, é necessário que esse ser encontre outro ser que lhe deposite e ofereça enunciados que o reconheçam como sujeito. Assim, "sabemos que o mundo estava lá antes do bebê, mas o bebê não sabe disso, e no início tem a ilusão de que o que ele encontra foi por ele criado" (Winnicott, 1990, p. 131).

Dolto (1992) refere-se à imagem do corpo como expressão das primeiras experiências de vida construídas na relação com o outro. Nesse sentido, compreende-se que a relação entre mãe e bebê é fundamental e estruturante para a constituição do sujeito. A teoria em relação à formação corporal descreve que o bebê, ao nascer, possui sentidos que buscam por uma satisfação, e para isso necessita de um objeto externo, ou seja, do outro semelhante, para que este realize uma ação específica para satisfazê-lo (FREUD, 1915; FREUD, 1985/2016). A ação realizada pelo semelhante deixa marcas em seu aparelho psíquico, mais especificamente chamadas de marcas mnêmicas, que são imagens em forma de alucinação que aparecem sempre que surge uma necessidade, formando um campo de referências (FREUD, 1895/2016).

Ainda acerca da infância, Lacan (1998) propõe em 1949 a concepção de estágio de espelho, abordando os mecanismos infantis para a formação da função "eu", e apresenta noções acerca do desenvolvimento infantil, mais especificamente no período de seis a 18 meses de vida, fase em que a criança passa por um momento constitutivo da própria identidade, baseado nas relações com seus semelhantes. A figura do espelho simboliza a noção de personalidade na criança, que recebe características do meio em que vive, especialmente na imagem de seus progenitores. Ao ver-se por meio do espelho, a criança passa à assunção jubilatória de sua imagem.

Lacan, em “O Estádio do Espelho”, publicado em 1949, utiliza o espelho como um símbolo capaz de demonstrar a personalidade na criança, que recebe as características do meio de convívio, especificamente na imagem de seus genitores. O Estádio do Espelho é dividido em três momentos. No primeiro, caracteriza-se pelo estranhamento do eu, ou seja, o bebê ainda não se reconhece, não diferencia sua imagem da do outro; já no segundo momento, ele procura no adulto a confirmação de sua própria imagem. Por fim, o terceiro é marcado pelo reconhecimento do próprio reflexo, este produzido pelo espelho ou pelos semelhantes humanos (SCARANO; PERTILE, 2021).

Contudo, entende-se que é no primeiro momento que a criança inicia seu processo de reconhecimento, não apenas de seu próprio [eu], mas de alguns elementos da estrutura que a circunda (LACAN, 1998). Somente ao final do século XIX, com as concepções da nova ciência psicológica, é que a criança é vista como um futuro adulto, ou seja, a infância passa a ser considerada uma fase decisiva para o desenvolvimento da personalidade adulta (CARTAXO, 2024).

2.1 Trauma na psicanálise

As vivências do sujeito que excedem sua capacidade de elaboração psíquica podem resultar em um trauma, caracterizado como um acontecimento que deixa marcas profundas e que pode emergir posteriormente de forma sintomática, manifestando-se em sonhos, lapsos, compulsões à repetição e sintomas somáticos. Nos casos de abuso sexual infantil, o trauma tende a produzir marcas invisíveis na criança, expressando-se, por exemplo, por meio de dissociações somáticas e da erotização precoce (RAMALHO et al., 2025).

Freud inicia seus estudos acerca do trauma a partir da histeria, condição marcada por sintomas neuróticos sem causa orgânica evidente, mas associada a um sofrimento de ordem psíquica. À época, acreditava-se que a histeria estava relacionada a dois fatores principais: experiências de natureza sexual e acontecimentos ocorridos antes da puberdade (ALVES et al., 2020). Em suas investigações clínicas com pacientes neuróticos, especialmente histéricos, Freud, por meio da denominada teoria da sedução, observou que tais sujeitos apresentavam intenso sofrimento decorrente de experiências vivenciadas ao longo da vida, sobretudo aquelas relacionadas à sexualidade (Sigmund Freud, 1896/1996/2011).

Surgiu assim a teoria da sedução, que, em outras palavras, seria o abuso sexual de crianças, perpetrado principalmente pelo pai (MARTINS e VORSATZ, 2020). Os primeiros fundamentos dos impactos do trauma na psique humana foram evoluindo dentro da psicanálise, e foram esses fundamentos que a teoria freudiana forneceu acerca do conceito de trauma (SILVA; ROSA e MONACO, 2024). Mas, em 1987, Freud afirma que já não mais acredita na teoria da sedução e, com esta mudança, passa a defender que a origem da neurose está diretamente ligada à realidade psíquica e à fantasia, e não mais à experiência sexual precoce. A partir desse novo entendimento, o autor desenvolve os grandes constructos da teoria psicanalítica, tais como o Complexo de Édipo, a sexualidade infantil e sua relação entre as pulsões e as defesas do eu (ALVES et al., 2022).

O psiquiatra húngaro Ferenczi (1873-1933) conheceu seu futuro mestre, analista e amigo Freud em 1908, após a leitura entusiasmada de "A Interpretação dos sonhos". Ferenczi já demonstrava uma grande capacidade de compreensão do corpo teórico psicanalítico e ganhou notoriedade por suas observações a respeito das consequências emocionais verificadas no paciente traumatizado na infância (OLIVEIRA et al., 2021). Ferenczi passou a defender que pacientes que passaram por situações traumáticas utilizariam a afeição para sair de um estado de neutralidade. A compreensão a respeito do trauma elaborado por ele originou-se a partir de duas teorias de Freud, sendo elas: a teoria da sedução e a teoria do trauma como excesso pulsional (KUPERMANN, 2019).

A psicanálise foi cada vez mais se aprofundando na sexualidade infantil, e, nessa ótica, chegou-se à conclusão de que o complexo de Édipo era fundamental, dando estruturação à vida psíquica do sujeito. O complexo de Édipo substituiu a teoria da sedução por meio de uma interpretação mais abrangente para o desenvolvimento psíquico (AZEVEDO e AMARAL, 2021).

Ferenczi, no ano de 1933, publicou o artigo "Confusão de língua entre os adultos e a criança", o qual trouxe um grande significado para as questões da elaboração na Teoria do Trauma. O artigo abordou questões referentes à compreensão do trauma, em especial ao abuso sexual infantil, assim como as possíveis falhas na sexualidade adulta que o levam a cometer tal violência; destacou também que é muito recorrente que a própria família abuse da inocência das crianças, buscando nesses indivíduos uma satisfação patológica e, consequentemente, realizando uma sedução incestuosa (STANHAM; GOELZER, 2023).

Para Ferenczi (1933/2011), o trauma não se dá apenas pela violência de um adulto contra uma criança, mas pelo fato de desmentir o ocorrido. Se a criança não encontra apoio e acolhimento no sofrimento, mas se depara com silêncio e negação, ela não consegue significar o que viveu, pois ainda não tem recursos psíquicos necessários (SOUZA; SEI, 2019). Ferenczi alerta que “os adultos reagem com um silêncio de morte que torna a criança tão ignorante quanto se lhe pede que seja” (FERENCZI, 1934/1992, p. 111 Nas palavras de Ferenczi (1933/2011, p. 117), “as crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que as emudecem, podendo até fazê-las perder a consciência”.

O trauma, então, possui um significado na vida do indivíduo a ponto de causar prejuízos psicológicos nos relacionamentos interpessoais, na vida afetiva e sexual. O trauma é algo tão intenso que se destaca pela incapacidade do sujeito em reagir de forma adequada em determinada situação. Além disso, é caracterizado por um excesso de excitações que ultrapassa a capacidade de tolerância do sujeito e sua habilidade de processar essas excitações de forma psíquica (LAPLANCHE, 2014).

2.2 Abuso sexual intrafamiliar e extrafamiliar

A definição de abuso sexual infantil é complexa para diversos autores, por se tratar de um tipo de violência que atinge crianças e adolescentes menores de 14 anos que são considerados vulneráveis diante de seu desenvolvimento psíquico e capacidade limitada (FAÇA BONITO, 2021).

O abuso infantil, por configurar-se como uma experiência precoce e avassaladora, mobiliza de forma intensa o aparelho psíquico em formação (RAMALHO *et al.*, 2025) e é considerado uma das formas mais graves de violência praticada contra crianças e adolescentes (O’LEARY *et al.*, 2015). De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência infantil é caracterizada pelo uso intencional da força e que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, s/p).

Tanikaza *et al.* (2022) afirmam que o abuso sexual decorre de ação oriunda do interesse sexual de um adulto por uma criança ou adolescente, podendo acontecer tanto dentro do ambiente extra ou intrafamiliar, gerando à vítima, ao longo de sua

existência, experiências pautadas no dolo. Nas palavras de Cunha (2024), a violência sexual infantil, sendo ela praticada dentro ou fora do ambiente familiar, consiste numa relação adultocêntrica, de ato de natureza erótica, com ou sem uso de força entre um adulto, sendo marcada pela relação desigual de poder; o agressor (pais/responsáveis legais/pessoas conhecidas ou desconhecidas) domina uma criança ou adolescente.

O Ministério da Saúde divulgou, em 2024, um boletim epidemiológico acerca dos casos de violência sexual contra crianças em suas diferentes formas. Os dados apontaram que, no ano de 2021, houve aumento no número de notificações ao longo do período analisado, tanto entre vítimas do sexo feminino quanto do sexo masculino. Observou-se ainda que a maior proporção de notificações ocorreu na faixa etária de 5 a 9 anos. Em 38,9% dos casos, o agressor era um familiar, correspondendo a 40,8% entre as meninas e 32,9% entre os meninos. Destacam-se também os casos em que o agressor era amigo ou conhecido da vítima, representando 23,5% das notificações entre meninas e 31,5% entre meninos (MS, 2024).

No que se refere ao abuso sexual ocorrido fora do contexto familiar, o agressor pode ser uma pessoa conhecida ou desconhecida da vítima, como amigos, vizinhos, professores, médicos e até líderes religiosos. No âmbito extrafamiliar, o abuso frequentemente ocorre por meio da sedução e da exploração da inocência infantil. Independentemente da forma como se manifesta, essa relação é marcada pela desigualdade de poder, na qual o agressor exerce posição de vantagem em relação à vítima, que se encontra em fase de desenvolvimento físico, emocional e psíquico (BRASIL, 2021).

A violência sexual ocasiona prejuízos significativos e consequências severas para a vítima, podendo favorecer o desenvolvimento de diferentes patologias psíquicas e emocionais (PORTALANI; SCIARRA, 2020).

3 EFEITOS PSÍQUICOS DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

A psicanálise, por meio das teorias de Freud, instaura o inconsciente como um fator determinante do psiquismo do sujeito humano, ou seja, a psicanálise é uma prática analítica que tem em seu cerne a função de dar testemunho que se constitui na palavra (POSTIGO, 2022). Insta salientar que o inconsciente é como um depósito de memórias, mas é atemporal, dinâmico e não para de fazer novas associações o tempo todo. O inconsciente é composto por um conjunto de fenômenos que atestam

a sua existência e que opera por meio dos sonhos, das repetições, nos atos falhos, chistes e sintomas. Para a psicanálise, “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (FREUD, 1900/2019, p. 637). Nesse interim, observa-se também que, na constituição psíquica do sujeito, a sexualidade exerce influência indispensável.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o abuso sexual vivenciado na infância tende a produzir experiências traumáticas com repercussões significativas para a vítima. Em longo prazo, tais impactos podem comprometer não apenas a saúde mental, mas também manifestar-se por meio de sintomas sexuais, comportamentais, emocionais e físicos (TANIKAZA; FILHO; BARCELOS, 2022 apud PIZÁ, 2014). Quando esses traumas não são elaborados psiquicamente, podem emergir de forma sintomática, inclusive por meio de adoecimentos físicos sem causa biológica ou orgânica aparente (TANIKAZA; FILHO; BARCELOS, 2022 apud REICHENHEIM; HASSELMANN e MORAES, 1999).

A violência sexual é uma forma de agressão traumática para as vítimas. A psicanálise apresenta uma linha teórica para se entenderem os efeitos adoecedores da violência sexual e do trauma não elaborado (OLIVEIRA *et al.*, 2021). As consequências do trauma podem gerar impacto profundo, amplo e permanente, sendo capaz de destruir sonhos e decisões (SILVA; ROSA e MONACO, 2024; *apud* FLORENTINO, 2015).

Diante da dor insuportável, a vítima ainda precisa lidar com a ausência de suporte familiar e da quebra de confiança quando o abusador é alguém do seio familiar. Dessa forma, a criança recorre a mecanismos de defesa primitivos, entre os quais se destacam o recalque e a dissociação. Estes mecanismos possuem a finalidade do eu contra a completa desorganização (RAMALHO; FERNANDES e KHOURY, 2025). O recalque constitui um mecanismo psíquico utilizado pelos sujeitos para manter afastados da consciência conteúdos considerados incompatíveis ou geradores de sofrimento. Entretanto, diante de experiências traumáticas, como o abuso sexual, esse mecanismo assume um caráter particularmente penoso, uma vez que os conteúdos recalcados não desaparecem, mas tendem a retornar de maneira distorcida, frequentemente manifestando-se sob a forma de sintomas físicos, emocionais ou comportamentais (Sigmund Freud, 1914/2010).

A criança, em razão de sua vulnerabilidade e imaturidade, pode passar a desenvolver dificuldades em confiar nos adultos. Diante do trauma instaurado pela situação abusiva, sentimentos de vergonha, medo e desamparo tendem a se misturar,

além de provocar confusão entre a inocência infantil e a culpa pelo ocorrido (CARTAXO, 2024).

Quando o abuso sexual ocorre entre os 3 e 6 anos de idade, coloca-se em evidência a intensidade do Complexo de Édipo. Nesse contexto, Sándor Ferenczi afirma que há uma “confusão de línguas” entre a paixão adulta e a ternura infantil, marcada pela incompatibilidade entre o universo psíquico da criança e os desejos do adulto (FERENCZI, 1992).

O trauma sofrido na infância muitas vezes está no inconsciente, e por isso a pessoa não percebe. O trauma pode se manifestar por sintomas que podem resultar nos insucessos na vida pessoal, profissional e nos relacionamentos interpessoais, prejudicando todas as esferas da vida do sujeito (SILVA; ROSA e MONACO, 2024). As consequências do abuso sexual podem ser vividas de maneira consciente ou inconsciente na fase adulta, contando com severos prejuízos na saúde mental e social para aquele que sofreu o abuso na infância e não teve o devido acolhimento diante do trauma.

As consequências do trauma permanecerão também na consciência e no corpo em forma de cicatriz pronta para doer, ou seja, poderão manifestar-se quando surgir qualquer lembrança ou pensamento, muitas vezes nem mesmo reconhecidos pelas vítimas, mas que se faz sempre presente (TIRABASSI; ANDRADE e FRANCO, 2022).

3.1 Possibilidades de Elaboração pela Criança da Experiência do Abuso Sexual

Freud observou que o abuso sexual deixa marcas profundas no psiquismo, as quais são determinantes para o desenvolvimento posterior, mas essa observação só foi possível após ele traçar um esboço do comportamento sexual na infância de adultos (Freud, 1905/2016).

O trauma, quando originário do abuso sexual, pode ser um fator de desorganização pulsional, dificultando a elaboração simbólica e impondo desafios à constituição do eu e da sexualidade (FREUD, 2010). A psicanálise, portanto, permite que os traumas sejam elaborados, permitindo que o sujeito reconstrua sua narrativa e ressignifique suas experiências (ALVES et al., 2022).

Ao analisar a prática clínica em articulação com a teoria proposta por Freud, nota-se que a ressignificação das experiências traumáticas pode amenizar o

sofrimento. O primeiro texto escrito por Freud em que é possível identificar a elaboração está presente em “Comunicação preliminar”, texto escrito por Breuer e Freud (1893/2006a). No texto, os autores apresentam a formulação da elaboração associativa, que possui o intuito de integrar excitações e estabelecer elos associativos.

A elaboração associativa se dá por meio de um trabalho fundamentalmente intrapsíquico, que, para Freud, possui a função de transmitir e ligar a energia oriunda da pulsão. Seriam removidos do intrapsíquico os excessos, e, caso isso não seja feito, provocariam a neurose, quando posteriormente a ab-reação teria por meta destravá-la, ao promover a religação do afeto penoso com a representação original (ABRANTES e COELHO, 2022).

Abrantes e Coelho (2022) afirmam que o texto de Freud e Breuer (Comunicação preliminar) retratava que, naquela época, a elaboração associativa era encarada como um processo do psiquismo que não aconteceu e gerou um trauma. Assim, entendeu-se que a atividade terapêutica era concebida como forma de desentruar o processo de elaboração.

O atendimento por meio da escuta proporciona à criança a possibilidade de enfrentamento e superação da angústia vivenciada. A abordagem psicanalítica promoverá ligações psíquicas que darão sentido ao mundo da vítima, permitindo que a cena vivenciada tenha uma nova construção psíquica e, assim, uma elaboração (CASTRO, 2017). O êxito psicanalítico acontece quando os sintomas passam a ter um novo significado, ou seja, os fatos passam a ser aliados ao tratamento, pela dissolução do conflito (BARBOSA, 2010).

Como mencionado, os traumas decorrentes do abuso sexual vivenciado na infância reverberam na vida adulta, evidenciando a necessidade de o sujeito construir novas perspectivas de reconstrução psíquica, rompendo com o estigma de vítima. Dessa forma, torna-se fundamental que, na fase adulta, a vítima consiga vislumbrar-se para além da condição que lhe foi imposta, ressignificando sua própria trajetória e identidade (SILVA; PEREIRA; ANDRADE, 2023).

Faz sentido, portanto, falar de elaboração, que pode ser definida como prosseguir com o trabalho quantas vezes forem necessárias, e até onde for preciso para que possa chegar a uma dimensão que faça falar o não dito (BARBOSA, 2010, *apud* BERNARDES, 2003). A respeito da elaboração, Laplanche (1985) trata como um trabalho psíquico de superação e libertação dos mecanismos repetitivos. Freud entende que se trata de uma elaboração mental, que se desdobra a partir de uma

realidade psíquica, visando o elemento recalçado (BARBOSA, 2010).

Quando há insistência na elaboração das resistências, o desdobramento ocorre a partir da realidade psíquica. Nesse sentido, compreende-se o conceito de construção sob a perspectiva de Sigmund Freud como um processo de elaboração voltado à produção de novas descobertas. Freud utiliza esse termo em analogia ao trabalho do arqueólogo, que escava os escombros em busca de vestígios e marcas que exigem tempo para serem descobertos e compreendidos (BARBOSA, 2010).

Freud ([1920] 1996) afirma que os acontecimentos infantis muitas vezes são difíceis de serem acessados, porém na psicanálise e por meio das construções, eles podem ser acessados. Por esse ponto de partida, é que a elaboração do que fora esquecido adquire representação e passa a ser ressignificada. Em seus estudos clínicos, Freud afirma que a ressignificação desconstrói o obstáculo consolidado no instante do trauma. Durante esse processo, o sujeito muda sua posição quando nem tinha palavra para significar.

O trabalho de ressignificação por meio da elaboração manifesta-se como reflexo de novas construções analíticas. Expressões como “Ah! Eu nem havia pensado nisso antes” podem surgir como reação do paciente após a elaboração de determinado sintoma. Tais respostas tornam-se evidentes após a construção realizada pelo analista, configurando-se como produto do processo elaborativo (BARBOSA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender, a partir do referencial psicanalítico, de que maneira o reconhecimento do abuso sexual pela criança interfere na relação estabelecida com o próprio corpo, considerando os impactos psíquicos e simbólicos decorrentes dessa violência. A partir das leituras realizadas, foi possível identificar que o abuso sexual compromete o desenvolvimento psíquico ao interferir na capacidade de simbolização do sujeito.

A complexidade do abuso sexual infantil envolve dimensões físicas, psíquicas, cognitivas e sociais. Observou-se ainda que grande parte dos casos ocorre no contexto intrafamiliar, sendo praticados por indivíduos que deveriam exercer a função de cuidado e proteção, mas que assumem o papel de violadores, infringindo os direitos assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Nesse contexto, a criança acaba submetendo-se aos desejos do agressor em razão do medo, da vulnerabilidade e da imaturidade necessária para compreender plenamente a situação vivenciada.

A abordagem psicanalítica mostrou-se fundamental para compreender os efeitos prejudiciais que o abuso sexual infantil pode produzir na vida adulta das vítimas dessa violência. Assim, compreender o abuso sexual infantil sob a ótica da psicanálise possibilita não apenas ampliar a escuta clínica, mas também refletir acerca das produções subjetivas e dos impactos sociais decorrentes dessa experiência traumática.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Thiago; COELHO, Nelson. **Formulações do conceito de elaboração psíquica no pensamento freudiano**: apontamentos para um debate. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 33, e200035, 2022. DOI: 10.1590/0103-6564e200035. Disponível em: [Psicologia USP](https://doi.org/10.1590/0103-6564e200035). Acesso em: 17 maio 2026.

AULAGNIER, P. (1990). **Um intérprete em busca de sentido**. São Paulo: Escuta.

ALVES, Alice Gimenes et al. **Teorias, pesquisas e estudos de caso abuso sexual e trauma**: um estudo de caso à luz da psicanálise. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 42, n. 102, p. 1-10, jun. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2022000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 abr. 2026.

AZEVEDO, GMG, AMARAL HU. **Teoria da sedução**: ascensão e queda ou O surgimento do Édipo. *Rev Bras Psicanal.* 2021;55(2):149-64. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v55n2/v55n2a11.pdf>. Acesso em: 25 de março 2026.

BARBOSA, Neto Esperidião. **The concept of repetition in the Freudian psychoanalysis**: significance in clinical re-elaboration of symbolic repeated. 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

BERGÈS, J. & Balbo, G. (2001). **A atualidade das teorias sexuais infantis**. Porto Alegre: CMC

BERNARDES, Angela C. **Tratar o impossível**: a função da fala na psicanálise. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Cartilha Maio Laranja**: campanha de conscientização sobre o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília; 2021.

CASTRO, H. A. M. **Ecos do Silêncio**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2017. 248 p. ISBN13: 978-8521212393.

CARTAXO, M. S. B. **O trauma do abuso sexual infantil em meninas**: uma visão psicanalítica. *STUDIES IN HEALTH SCIENCES, [S. l.]*, v. 5, n. 4, p. e8523, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/shs/article/view/8523>. Acesso em: 6 de outubro de 2025.

CUNHA, Maurício. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes - Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional**. Brasília-DF. Secretaria nacional dos direitos da criança e do adolescente. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/ptbr/assuntos/noticias/2021/maio/CartilhaMaioLaranja2021.pdf>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.

Dolto, F. (1992). **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva. Faça Bonito. **Cartilha sobre Violência Sexual contra Criança e Adolescente**. São Paulo: [s. n.]; 2021. Disponível em: <https://www.policiacivil.sp.gov.br/portal/imagens/Cartilha%20Violencia%20Sexual.pdf> Acesso em 24 de março de 2026.

Ferenczi, S. (2011). **Confusão de língua entre os adultos e a criança**: a linguagem da ternura e da paixão. In S. Ferenczi. *Obras Completas Psicanálise* (pp. 111-121). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).

Ferenczi, S. (1992). **Confusão de língua entre os adultos e a criança**: a linguagem da ternura e da paixão (A. Cabral, Trad.). In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV* (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933[1932]).

FERENCZI, S. **Reflexões sobre o trauma**. In: Sándor Ferenczi Obras Completas4. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (Original 1934).

FREUD, S. (2006). **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos**: comunicação preliminar (Breuer e Freud). In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 2, pp. 19-29). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893).

FREUD, S. (2006). **Lembranças encobridoras**. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 3, Salomão, J., Trad., pp. 333-358). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1899)

FREUD, S. O Eu e o Id, **Autobiografia e Outros Textos 1923-1925**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 19, 2016.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade 1901-1905**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 6, 2016.

FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer**. (1920). Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. v 14, 2016.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JOVIC, Vladimir; VARVIN, Sverre. **Trauma and Memory**. Revista Portuguesa de Psicanálise, v. 42, n. 1, 2022.

KUPERMANN, D. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019. MENDES, A. P. N.; FRANÇA, C. P. Contribuições de Sándor Ferenczi.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: ESCRITOS. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1949.

LACAN, Jacques. **O seminário** - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

MAIA, de Oliveira Rosa Maria; BARROS, Fabio. **Complexo de Édipo na contemporaneidade**. In: XVI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. XXXI Jornadas de Investigación. XX Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. VI Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional. VI Encuentro de Musicoterapia, 2024, Buenos Aires.

MAURANO, D. **Reviramentos do corpo na história e na psicanálise**. Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise, [S. l.], v. 27, n. especial2, p. 111–127, 2025. DOI: 10.59539/2175-2834-v27nespecial2-1141. Disponível em: <https://revistas.dww.com.br:443/index.php/NH/article/view/1141>. Acesso em: 25 mar. 2026.

Martins, Renata Dahwache. **O POETA E O PSICANALISTA: a inquietante estranheza do duplo**. September 2020. Psicologia em Revista 25(3):979-999 disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346162166_O_POETA_E_O_PSICANALISTA_A_INQUIETANTE ESTRANHEZA DO DUPLO. Acesso em: 20 de setembro 2025.

MENEZES, Mariana Siqueira; FARO, André. **Avaliação da Relação entre Eventos Traumáticos Infantis e Comportamentos Autolesivos em Adolescentes**. Disponível em: <https://www.scielo.br//pcp/a/hXCbQdHhr97z5SNnKj9XL8f/?lang=pt>. Acesso em: 22 de outubro de 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico**: Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2024.

OLIVEIRA, Leonardo Ribeiro Gonçalves de; CÔMARA, Leonardo; CANAVRZ, Fernanda. **Meninos não choram**. estudo sobre um caso de abuso sexual infantil. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8075416>. Acesso em: 28 de outubro de 2025.

O'LEARY, P., Easton, S. D., & Gould, N. (2015). **The effect of child sexual abuse on men toward a male sensitive measure**. *Journal of Interpersonal Violence*. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0886260515586362>. Acesso em: 23 de outubro de 2025.

Organização Mundial de Saúde – OMS (2002). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial de Saúde.

PONTALIS JB, LAPLANCHE J. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2014.

PORTOLANI TP, SCIARRA AMP. **A violência infantil com destaque ao abuso sexual sob intervenções psicanalíticas**. *Rev Educ Psicol Interfaces*. 2020;4(1):114-26. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/205> Acesso em: 15 março 2026.

POSTIGO, Vanuza Monteiro Campos. **Psicanálise, crueldade e o coliseu das massas digitais**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 56, n. 1, p. 105-116, 2022.

REICHENHEIM, Michael E.; HASSELMANN, Maria Helena; Moraes, Claudia Leite. **Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Yjq3SbjWYFnTfSXPbRc48rm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 de abril de 2026.

RIBEIRO, Sandra Maria. **Abuso sexual infanto juvenil: ASPECTOS HISTÓRICOS, LEGAIS E OS PREJUÍZOS PSICOSSOCIAIS**. Disponível em: <https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/4640/2451>. Acesso em 23 de outubro de 2025.

RAMALHO, Tatyany Martins; FERNANDES, Ana Paula Araújo; KHOURY, Paula Lins. **AS SOMBRAS DO ABUSO INFANTIL NA VISÃO DA PSICANÁLISE**. *Revista multidisciplinar integrada-remi, [S. l.]*, v. 5, n. 1, p. 1–18, 2025. DOI: [10.61164/eq5w4t84](https://doi.org/10.61164/eq5w4t84). Disponível em: <http://revistas.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/100>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SCARANO, Renan Cota Valle; PERTILE, Giovani Henrique. **A questão da identificação em O estádio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan**. *Analytica*, São João del Rei, v. 10, n. 19, p. 1-21,

dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 de abril de 2026.

SILVA, P.; ROSA, R.; MONACO, R. A. **Abuso sexual infantil**: uma perspectiva psicanalítica sobre o trauma na vida adulta. Brazilian Journal of Global Health, [S. l.], v. 4, n. 16, p. 17-21, 2025. DOI: 10.56242/globalhealth;2024;4;16;17-21. Disponível em: //periodicos.unisa.br/index.php/saudeglobal/article/view/668. Acesso em: 26 mar. 2026.

SILVA, Cristiane Moreira da; PEREIRA, Daniela Roberta de Paula; ANDRADE, Francyne dos Santos. **QUEBRA DO SILÊNCIO EM GRUPO ON-LINE DE ENFRENTAMENTO AO ABUSO SEXUAL INFANTIL**. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v28i0.51583>. Acesso em 01 de abril de 2026.

SOUZA, Carolina Cardoso Colhante de; SEI, Maíra Bonafé. **Abuso sexual de crianças e adolescentes**: trauma e transmissão psíquica. Analytica, São João del Rei, v. 8, n. 15, p. 1-20, dez. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972019000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 de outubro de 2025.

STANHAM, Rafaela de Souza; GOELZER, Roberta Araújo Monteiro. **Uma clínica sensível a vivências traumáticas**: contribuições teóricas de Sándor Ferenczi sobre os efeitos psíquicos do abuso sexual infantil. Disponível em: <https://cepdepa.com.br/wp-content/uploads/2024/01/CTP-MIOLO-revista-cepdepa-2023.pdf#page=33>. Acesso em: 28 de outubro de 2025.

TIRABASSI, Tatiane Maria Oripa.; ANDRADE, Vinicius Novais G. de.; FRANCO, Bruno Fiuza. **O SILÊNCIO NO ABUSO SEXUAL INFANTIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS**. Psicologias em Movimento - v.2, n.2: jul-dez, 2022.

TANIZAKA, Hugo; BOVENZO FILHO, Carlos Eduardo; BARCELOS, Rebecca Curtis. **CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOMÁTICAS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL**: preocupações em saúde. Revista Saúde - UNG-Ser - ISSN 1982-3282, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 16–25, 2022. DOI: 10.33947/1982-3282-v16n1-4481. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/4481>. Acesso em: 17 maio. 2026.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.